

NOVA OFICINA MONETÁRIA DO SÉCULO XV

MOEDAS DE AFONSO V COM «A» NÃO COROADO

Paulo Ferreira de Lemos

Mas Africa dirá ser impossibil
Poder ninguem vencer o Rei terribil

Este pôde colher as maçãs de ouro
Que somente o Tirintio colher pode:
Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na frente a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
a defender Alcacer, forte vila,
Tangere populoso, e a dura Arzila.

Porem elas em fim por força entradas
Os muros abaixaram de diamante

LUÍS DE CAMÕES — *Os Lusíadas*

Temos de confessar a nossa extraordinária predilecção pelas moedas de cobre, em especial as cunhadas a martelo, e só nos resta saber se essa maneira de sentir não será na realidade uma forma subconsciente de deplorar a dificuldade «monetária» de não poder adquirir moedas de ouro ou até, muitas vezes, nem mesmo as de prata; mas o que é indubitável é que se torna mais difícil, conseguir uma bonita moeda de cobre da 2.^a dinastia do que moedas de ouro ou prata bem conservadas.

Vem isto a propósito de que três coleccionadores, Dr. Mário Santos de Almeida, tenente-coronel Francisco António Magro e eu próprio, (como já, aliás, foi dito em «A Moeda» a propósito de uns ceitis não catalogados) se abalançaram a produzir, ou antes a tentar produzir, um catálogo de ceitis «*com fortaleza banhada pelo mar*»; desse facto resultaram, por um lado, inúmeras dificuldades de que a maior é, sem dúvida, a generalizada má conservação das referidas moedas, por outro lado veio o conhecimento de exemplares de que, até agora, não havia notícia.

Hoje, neste artigo, vámo-nos referir, em especial, a ceitis que consideramos de extrema raridade e alguns deles nem mesmo foram ainda relacionados ou descritos:

Os ceitis que apresentam gravada a letra «A» não coroada.

Desde sempre se tem julgado que o «A» gravado nos espadins seria a abreviatura de Afonso, como aliás é corrente em muitas moedas do reinado, mas permitimo-nos chamar a atenção dos coleccionadores para o facto de que em todas as moedas da 1.^a ou 2.^a dinastia, incluindo, evidentemente, as de Afonso V, a sigla, abreviatura ou inicial do nome do rei, nos aparece *sempre coroada e em lugar de destaque* no campo da moeda.

Como exemplo assim acontece (moedas de Afonso V) no leal, no chinfrão, no real branco, no cotrim e no real preto nos quais a inicial «A coroada» se situa em *local próprio* da importância do nome do rei ou seja no centro da moeda e o mesmo acontece à sigla «ALFO» coroada, nos escudos e nos reais grossos.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

Todavia, noutras moedas, o «A» não aparece coroado mas antes com tamanho e posição mais própria de letra monetária, essas moedas são: *os espadins* (Fig. 1 e 2) em que à esquerda da adaga (espadim) se gravou um «A»; o *ceitil* (Fig. 3) já catalogado por Ferraro Vaz (A5-114) em que a mesma letra «A» encima a torre central; e os *ceitis* (Fig. 4 e 5) que iremos descrever pois não se encontram catalogados, com um pequeno «A» à direita das torres banhadas pelo mar.

Qualquer destes «AA» não se apresenta coroadado, é relativamente pequeno comparado com a inicial do rei no centro do campo de outras moedas do reinado e se atentarmos no espadim do Porto, a letra P (Porto) em baixo e à direita é nitidamente equivalente, em tamanho e posição, à letra «A» à esquerda e em cima. Também, se cotejarmos as letras monetárias «L», «P» e «C» nos ceitis de Lisboa, Porto e Ceuta, com o pequeno «A» dos ceitis que descrevemos e reproduzimos neste artigo, teremos de admitir a possibilidade de o referido «A» *não coroadado* querer ser na realidade uma letra monetária e não a inicial do nome do monarca.



Fig. 4



Fig. 5

A responsabilidade primitiva da interpretação desta letra, que na realidade coincide com a primeira letra do nome do rei, foi, e quanto a nós erradamente, feita por Teixeira de Aragão, que ao descrever o espadim diz: «à esquerda A (Alfonsus)».

Aragão só conhecia com letra «A» não coroadada os espadins e não duvidamos de que se conhecesse os ceitis, a que nos vimos a referir, a sua opinião interpretativa para a letra «A» dos espadins seria necessariamente outra.

Ainda para alicerçar melhor a nossa opinião de se tratar de uma letra monetária repare-se comparando-os: o «A» dos espadins e o «L» do meio justo de D. João II e note-se a mesma posição e expressão dessas duas letras; e, por falar em duas letras, não se diga que duas letras monetárias na mesma moeda são um contra-senso pois bastará ter presente para refutar tal, e mostrar a coerência do raciocínio, lembrarmos-nos do real grosso de Toro com duas letras monetárias — «P» e «T».

Acompanhando a opinião de Aragão os diferentes autores de catálogos e preçários aparecidos posteriormente à obra clássica daquele autor também não meditaram suficientemente no caso, muito embora já se conhecesse o ceitil com o «A» a cobrir a torre central, e este conhecimento, no meu entender, obrigaria a uma melhor reflexão.

Mas não sendo esse «A» o indicativo real e sendo uma letra monetária, como acreditamos, de que local ou oficina monetária se trata?

Para mostrar de uma forma genérica a possibilidade de ser uma letra designativa de oficina monetária de ocasião, bastará referir as atribuídas a Milmanda, Corunha, Tuy, Vigo, Çamora, etc. no tempo de D. Fernando e a de Toro no próprio reinado de D. Afonso V, para já não falar em Ceuta, de que não há documentação que assevere ter aí sido cunhada moeda e para esta oficina ou local tem-se escrito que os ceitis seriam mandados bater por comemoração da tomada da cidade em 21 de Agosto de 1415, por D. João I, com os infantes, à frente de um exército e duma esquadra.

Isto é, D. Afonso V, cerca de 50 anos depois deste feito de armas de seu avô, emite moeda que tem gravada a fortaleza de Ceuta e inserida o indicativo «C», letra monetária da cidade, tal como se fazia para Lisboa (L) e para o Porto (P), por isso pensamos não ser descabido que para uma praça forte tomada pelo próprio Rei Africano, este fizesse idêntico acto, a demonstrar, ao uso de então, a sua suserania sobre a cidade conquistada.

Ora as povoações tomadas por Afonso V, foram, como se sabe, Alcácer-Ceguer, Arzila e Tânger, e esta última está fora de causa por a sua inicial não ser compatível com o «A».

Há que optar então entre Arzila e Alcácer-Ceguer e vamos mostrar que nos parece mais lógico considerar o «A» como indicativo de Arzila ou, pelo menos, como distinção de moedas batidas com destino a esta cidade e não a Alcácer-Ceguer, pelos seguintes motivos:

- 1) — Alcácer-Ceguer ou Alcácer-Sagir, tinha ao tempo o nome de Al-Casr-al-Sagir, isto é, o Castelo Pequeno, e, portanto, até se poderia dizer que o indicativo «A» não seria o apropriado, mas antes se deveria esse indicativo referir ao nome próprio Casr-Castelo.
- 2) — Esta povoação fortificada é de escassa importância e a sua conquista foi somente efectuada na impossibilidade de acometer Tânger¹, não tendo havido de antemão a intenção da sua conquista, o que invalida a hipótese de ter havido a pré-cunhagem de moeda, que nos parece nítida ao considerar os espadins.

Não se desconhece, contudo, que D. Afonso V, se intitulou em seguida à tomada de Alcácer-Ceguer: «*D. Afonso por graça*

1. JOEL SERRÃO, *Dicionário de Hist. de Portugal*, pág. 114 do vol. IV...«a posição estratégica de Tanger fizeram com que a conquista da cidade passasse a ser o alvo mais cobiçado da expansão ultramarina que Portugal efectuava. Assim em 19 de Outubro de 1458, e antes de atacar Alcácer-Ceguer, a armada de D. Afonso V esteve dois dias ancorada na baía de Tanger».

de Deus, Rei de Portugal e do Algarve, senhor de Ceuta e de Alcácer em África, mas que optou pelo título de «*ElRei de Portugal e dos Algarves* (no plural) *Daquem e Dalem mar em Africa*», depois da tomada de Arzila e note-se a importância do plural em «Algarves» cujo significado é, como se sabe, «*O Ocidente*» querendo significar que tinha o direito da descoberta e da conquista em todo o Ocidente Africano, e isto, como se disse, decorre da conquista de Arzila, que além de fazer com que Tânger se entregasse sem luta, possibilitou a estabilidade da posse de Ceuta a qual esteve sempre indecisa desde a sua conquista ².

- 3) — No que se refere à nomenclatura, Arzila designava-se em árabe por «Azila», e portanto, o «A» traduz bem a designação toponímica.
- 4) — Por outro lado, e ainda para defender a opção de Arzila face a Alcácer-Ceguer, lembraremos que Alcácer foi tomada em 1458 e os espadins foram batidos posteriormente a 1459, data da instituição da Ordem da Torre e Espada ³ de que, segundo Severim de Faria ⁴, foram a moeda comemorativa e, possivelmente, mandados lavrar para a Conquista do Norte de África, donde concluímos que, pelo menos o ceitil de «A» cobrindo a torre central, em conformidade com o que diremos mais adiante, teria sido cunhado posteriormente a 1458.
- 5) — Também, vale a pena referir, ainda para melhorar a opção que vimos a defender, que tendo Arzila sido tomada em 1471 e Alcácer-Ceguer, em 1458, o escudo representado nestas moedas é de um tipo mais evoluído, de travessão superior horizontal e recto, mais condizente com a parte final do reinado e, portanto, com a data de 1471, isto se tivermos em conta as alterações do escudo no tempo.
- 6) — Da importância relativa de Alcácer e de Arzila, lembraremos que muito embora Alcácer tenha sido um objectivo secundário do acometimento de Tânger, para isso se mobilizaram 220 embarcações, enquanto que, para Arzila, dada a importância da sua

2. FERREIRA BRAGA, «O ceitil de cobre», *Arqueologo Português*, 1903.

3. TEIXEIRA DE ARAGÃO, *Descrição das moedas*, pág. 235.

4. SEVERIM DE FARIA, *Notícias de Portugal*, por transcrição.

posse considerada de tão grande significado, o facto deu motivo à mobilização da maior esquadra do tempo ⁵, constituída por 477 embarcações que transportavam 30.000 homens dos quais 24.000 eram combatentes e ter-se-ia seguido a outras tentativas que se tinham gorado como, por exemplo, a do Infante D. Henrique em 1458, e outras em 1460 e 1463-64.

A importância de Arzila, por outro lado, resultava da sua posição estratégica em relação a Tânger, objectivo primordial ⁶, como já se disse, a qual se rendeu imediatamente à queda de Arzila, e de tal monta foi essa conquista que o rei armou cavaleiro em Arzila seu filho João (futuro D. João II) e foram mandadas executar as célebres tapeçarias existentes hoje na Colegiada de Pastrana, constituídas por três panos de Arras que representam respectivamente:

- 1) Desembarque em Arzila, com naus e batéis carregados de cavaleiros;
- 2) Cerco e arraial às portas da fortaleza;
- 3) O assalto, com o rei a cavalo e de espada desembainhada.

Refiro ainda a existência de o COHTOS DE ARZILA, sêlo ou conto para contar (fig. 6) reproduzido na publicação da Academia de Ciências



Fig. 6

5. PROF. DAVID LOPES, *História de Barcelos*, 1931, dirigida por Dr. Damião Peres, cap. III: Os portugueses em Marrocos: Ceuta e Tanger, pág. 442-, III.

«..., nunca ainda tinham partido da terra portuguesa tam grande poder de navios e gente. Excedia-se a empreza de Ceuta. Ia nela a fortuna de Portugal: el-rei e o príncipe herdeiro, o futuro D. João II, a principal nobreza do reino, entre ela o conde de Valença, D. Henrique de Menezes, Governador e capitão de Alcacer-Ceguer, alferes-mor do reino,...»

6. JOEL SERRÃO, *Dicionário de Hist. de Portugal*, pág. 114, vol. IV... «D. Afonso V pretendeu conquistar Tanger, embarcou para Ceuta e aí permaneceu até à Páscoa de 1464. Três vezes tentou atacar a famosa cidade, sempre com mau resultado. A tomada de Arzila, efectuada em 1471, tinha por verdadeiros objectivos a conquista final de Tanger, que ficava assim cercada pelas praças portuguesas».

da obra de Bernardo Rodrigues, contemporâneo de Afonso V, e que nos elucida sobre a possibilidade de conjecturar a feitura de moedas de (ou para) Arzila.

Vamos agora analisar mais numismaticamente as moedas de que estamos a tratar e vem a talhe de foice verificar que as analogias do ceitel de letra «A» sobre a torre central (Fig. 3) com os espadins (Fig. 1 e 2) e meios espadins nos fazem crer que a oficina e os moedeiros foram os mesmos pois o «A» é em tudo semelhante, e, em alguns, a legenda é idêntica, mesmo no tipo de letra e, ainda para mais, o escudo de um e outros ($1/2$ espadins) apenas apresentam castelos nos dois quadrantes superiores, caso único por nós conhecido na numaria nacional, e também a grafia do final de ADIVTORIVN:NOSTRVN num e noutro caso a terminar, pouco usualmente em N.

De todas estas semelhanças tiramos a conclusão que, quer os espadins quer o ceitel a que nos referimos tiveram a mesma motivação e função, isto é, cunhados, possivelmente em Lisboa e Porto, para a preparação financeira da conquista, donde resulta a letra monetaria «A» como desígnio do seu destino.

A este respeito respigamos da História de Portugal — Barcelos, cap. III, pág. 385, em que o autor Prof. David Lopes, ao referir-se aos preparativos da tomada de Ceuta, diz:

«Decidida a empresa de Ceuta, começaram os preparativos para ela. Cerca de três anos duraram eles. Isso mostra quão grande coisa ela era para um país pequeno como o nosso e quanto cuidado se teve em organizar a expedição. Eram precisos *muitos navios, muita gente e muito dinheiro*. Tudo se obteve sem violência. Concertaram-se os navios que careciam de o ser e fizeram-se outros ou mandaram-se fretar à Galiza, Biscaia, Inglaterra e Flandres. O almirante Mice Carlos Pessanha tratou de recrutar os mareantes para as suas guarnições. Fizeram-se por todo o reino os alardos e cadernos dos homens aptos para o serviço. *Recolheu-se todo o cobre e prata que se pode haver, no reino e fora dele, com que se lavrou muita moeda*, sem recorrer a qualquer pedido, que oprimiria a nação, nem declarar o objectivo da empresa, sobre que se queria guardar segredo...».

Pense-se no que teria sido para Arzila, em que a esquadra era muito maior e muito mais ainda o número de combatentes embarcados e lembremo-nos que era preciso sustentar, durante a viagem e a demora do sítio, toda a gente de armas e tripulações...

Perante todos estes factos não será legítimo pensar que a tomada de Arzila foi motivo suficiente para justificar um cunho em que se inscreveu a sua inicial quando, como se sabe, isso se fez para Toro, cuja importância efectiva nos atrevemos a pensar que até pode ser considerada negativa?

Não era a maneira mais directa de ser considerado «senhor de» o facto de aí cunhar moeda?

Assim podemos supor, senão documentalmente, mas com provas circunstanciais e com lógica, que, quer no caso dos espadins quer no do ceitil com «A» sobre a torre central, tratar-se de moedas cunhadas no Porto, com letra «P» e em Lisboa sem o indicativo «L», para suprir numerário que facultasse a possibilidade de pôr em pé de guerra um exército e uma armada (para a conquista de Arzila; e os ceitis com «A» à direita das torres (Fig. 4 e 5), tais como os ceitis com «C» ser considerados moedas fabricadas localmente em Arzila, em seguida à sua ocupação pelos portugueses.

*

* *

Vamos agora, deixar de lado a faceta interpretativa para nos debruçarmos sobre as moedas — ceitis com letra «A» — e apenas como coleccionadores que somos, isto é, tratar do aspecto descritivo.

Esses ceitis, são como temos vindo a referir de dois grupos bem distintos em função da colocação da letra monetária: «A» por cima da torre central e «A» à direita da fortaleza.

Do primeiro grupo apenas se conhece a espécie numismática que se representa na Fig. 3, exemplar que julgamos único.

Do segundo grupo há exemplares de duas espécies, por variação do reverso, uns com escudo normal de Afonso V (escudo das quinas assente sobre a cruz de Aviz) Fig. 4, outros, em que esse mesmo escudo repousa, por sua vez, sobre outro escudo com bordadura de castelos o qual também assenta sobre uma segunda cruz de Aviz (Fig. 5).

É este escudo «sui generis» o único que conhecemos com a representação referida, pois em todas as outras moedas do reinado, mesmo quando se apresentam com as armas do reino (ou seja escudo das quinas sobre outro escudo com bordadura de castelos) não existe a segunda cruz de Aviz, aliás como se verifica no escudo dos espadins.

Ceitil — Fig. 3

Anv: — +ALFONSUS:DEI:GRACIE:REGIS:PO — Fortaleza com 3 torres, banhada pelo mar, sobre a torre central a letra monetária «A» e duas arruelas ladeiam essa torre por cima de torres laterais. Círculo liso. Mar de ondas contínuas.

Rev — +ADIUTORIVN : NOSTRUN : IN : NOMIN — Escudo das quinas sobre a cruz de Aviz com castelos apenas nos dois quadrantes superiores, Círculo liso.

Ceitil — Fig. 4

Anv: — ALFON : ... E ET. — Fortaleza com três torres banhadas por 3 ondas constituídas por arcos de círculo. À direita por cima da muralha um «A» gótico. Círculo liso.

Rev — +AL ... ON ... E . R — Escudo das quinas cantonado por castelos sobre a cruz de Aviz. Círculo liso.

Ceitil — Fig. 5

Anv: AL ... AD — Desenho idêntico à da moeda anterior. Mesma expressão da representação das torres e do mar. O «A» sem ser muito distinto.

Rev : + A ... U-E — Escudo das quinas sem ser cantonadas por castelos assente sobre a cruz de Aviz. Este escudo assenta, por sua vez, sobre outro escudo com bordadura de castelos e também assente sobre outra cruz de Aviz.

SUMMARY: Two *ceitis* bearing the name of Afonso V with the letter «A» engraved at the right of the towers are introduced; it may be admitted that they are from an indiscribed mint, because in the case of Ceuta, as well as of Oporto and Lisbon the respective mark correspond to these cities.

By analogy, it is suggested that both the «A» over the central tower of the *ceitil* described in F. VAZ (A5-114) and the uncrowned «A» on the left, to be found on the *espadins* and half *espadins*, owing to their being uncrowned and to their placement, may also be mint-marks and therefore, originating in same mint.

Owing to logical and circumstantial reasons, the above mentioned letters may concern Arzila, as this fortified town was conquered in the reign of Afonso V.

